

AS CRIANÇAS NÃO SABEM OU NÃO PODEM BRINCAR? REFLETINDO SOBRE O TEMPO DO BRINCAR NO AMBIENTE ESCOLAR

**THAIS MACEDO NIEDISBERG¹; MAYARA BENJAMIM DE OLIVEIRA²; CRISTIANE MORTÁGUA OLIVEIRA³
ANA DO CARMO GOULART GONÇALVES⁴**

¹ Universidade Federal do Rio Grande – thais2005.niedisberg@gmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande – mayarabendamim11@gmail.com

³ Universidade Federal do Rio Grande - crismortagua4Ungmail.com

⁴ Universidade Federal do Rio Grande - acarmogg@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este relato tem como propósito apresentar uma reflexão a partir de algumas experiências em contextos escolares. Para Larrosa (2002, p.21) experiência “[...] é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. No contexto deste relato, as experiências foram vivenciadas - através de ações extensionistas - por algumas bolsistas do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação da Infância - NEPE, durante as festividades alusivas ao aniversário de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental - EMEF do Rio Grande além do acolhimento de outras duas escolas do mesmo município, que foram contempladas com a ação “Acolha uma Escola de Educação Infantil do RS” realizada pelo Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil - MIEIB, Fórum Gaúcho de Educação Infantil - FGEI, e o Fórum de Educação Infantil do Extremo Sul Gaúcho - FEIESG.

O NEPE configura-se como um núcleo de ensino, pesquisa e extensão da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, que ao longo dos últimos 28 anos, vem desenvolvendo uma série de projetos de forma indissociável. Em outras palavras, pode-se dizer que o núcleo destaca-se por sua atuação junto às comunidades escolares promovendo o desenvolvimento de ações que buscam valorizar a infância, garantindo que ela possa se manifestar de diferentes modos, na contramão de uma referência única e absoluta.

No âmbito deste relato, abordaremos as atividades específicas nas quais fomos convidadas a participar, com destaque para o resgate de jogos e brincadeiras tradicionais realizadas nas EMEFs. Cabe ressaltar que a participação das bolsistas teve como objetivo principal reviver práticas lúdicas que fazem parte do patrimônio cultural infantil, proporcionando um ambiente de brincadeiras, oferecendo condições adequadas de espaço e tempo para a livre exploração das crianças.

A partir destas experiências nas escolas, surgiu a necessidade de refletir sobre as brincadeiras atuais das crianças. Muitas já não conhecem ou participam de jogos tradicionais que antes eram comuns. Sendo assim, o relato investigará esse distanciamento das novas gerações dessas brincadeiras de rua.

2. METODOLOGIA

No dia 6 de julho de 2024, em meio aos festejos típicos de festas juninas, a EMEF realizou a comemoração de seu aniversário e estendeu o convite para que

o grupo participasse desta, realizando alguma atividade. Sendo assim, após algumas discussões sobre o planejamento, o grupo escolheu ofertar uma série de brincadeiras que para Girotto (2015),

Enquanto brincam, a criança, o jovem ou o adulto experimentam a possibilidade de se reorganizarem, ressignificando o mundo por meio das relações estabelecidas, de sua própria atuação e dos novos elementos agregados à sua personalidade a partir dessas experiências. (p.11).

A partir desta, o NEPE sendo um núcleo que procura beneficiar as infâncias e que acredita na potência das brincadeiras, considerou importante incentivar as crianças a conhecer e a brincarem com brincadeiras consideradas tradicionais pelas bolsistas.

Cabe ressaltar que nas outras duas EMEFs, a ação extensionista se deu a partir do acolhimento, onde o NEPE junto do FEIESG acolheram duas escolas, as quais tiveram seus materiais extraviados durante as enchentes no Rio Grande do Sul. Logo, foram repassados para as escolas, os livros, os jogos e os brinquedos, que restaram nos abrigos e que estavam em ótimo estado de conservação.

Visto isso, foram realizadas atividades que envolveram as crianças que frequentam as duas primeiras etapas da Educação Básica, Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, em brincadeiras que tinham como objetivo resgatar jogos antigos como, batata quente, pular corda, corre-cotia ou chicotinho queimado, entre outras. A intencionalidade da proposta tinha como objetivo além de incentivar a participação ativa das crianças, ampliar o repertório das crianças ao trazer para o ambiente escolar brincadeiras que muitas vezes eram transmitidas pelas matriarcas e/ou patriarcas da família.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Durante a primeira experiência, em um primeiro momento, nós bolsistas, juntas de uma das professoras do Núcleo, tivemos a necessidade de brincar com seus materiais sozinhas, pois percebemos que apenas ofertar bola e corda não era o suficiente pois, deixa-lás no chão não estava sendo atrativo de forma que chamassem a atenção das crianças. A partir disso, começamos a brincar com o intuito de chamá-las, foi a partir deste momento que um menino pediu a bola que estávamos brincando, este foi convidado a brincar conosco, mas voltou a repetir que não queria brincar, só queria a bola para jogar com seus amigos. Entretanto, os amigos também não quiseram “jogar bola” com ele, o que nos favoreceu, pois conseguimos adentrar em seu jogo de futebol, o que não durou muito tempo, visto que logo vários meninos, de diversas idades, solicitaram a participação no jogo de futebol.

A partir disso, percebemos que para chamar atenção das crianças e dos adolescentes ali presentes deveríamos brincar entre nós, para isso utilizamos desta estratégia com a corda. Em sequência, notamos algumas crianças se aproximando curiosas, mas ainda sem engajamento imediato, logo após observarem nosso grupo “pulando corda” elas se interessaram. Entretanto, esta brincadeira não obteve tanto aceite em seu desempenho quanto a bola.

Durante as tentativas percebemos que muitas delas não sabiam sequer onde posicionar-se para participar da brincadeira. Esse fato nos chamou atenção, pois revela um distanciamento das novas gerações em relação às brincadeiras consideradas tradicionais, que eram comuns no cotidiano infantil de nosso grupo. Ademais também notou-se a impaciência das crianças, visto que algumas davam

apenas um pulo e questionavam se já poderiam sair. O que fez o grupo refletir, sobre a influência das transformações sociais nas formas de brincar das crianças, que muitas vezes, estão mais familiarizadas com jogos digitais e outras atividades mediadas por tecnologias, afastando-se de brincadeiras que envolvem o físico e a interação social. Outra reflexão que foi gerada a partir destas, foi o questionamento de onde estão os espaços brincantes para as crianças dentro da escola, visto que a Lei nº 14.826 (2024), menciona: “Art. 3º É dever do Estado, da família e da sociedade proteger, preservar e garantir o direito ao brincar a todas as crianças.”. A partir desta Lei a dúvida que surge se resume em: Será que as crianças não brincam mais? Será que não há oportunidade de brincarem fora dos meios digitais?

Ademais, é preciso relatar que durante as reuniões de formações e discussões que acontecem todas às terças-feiras, uma das bolsistas denunciou que na escola onde a mesma faz estágio não obrigatório, a monitoria de inclusão, não permite que as crianças peguem brinquedos como corda e bola durante o intervalo, o que possibilita apenas que as crianças corram, não propiciando um ambiente em que aumente o repertório das mesmas. Cabe ressaltar que na época em que vivemos, onde famílias localizadas nos centros urbanos tendem a reduzir cada vez mais seus membros além de não estarem dispostas a deixarem as crianças brincarem nas ruas (Giroto, 2013), a escola torna-se o ambiente mais propício para que ocorra interações entre pares e adultos, para que assim, as brincadeiras tradicionais, possam ir mudando a cada grupo social, para que sejam perpassadas de geração em geração.

Em sequência, durante as visitas das escolas acolhidas, a qual uma delas localiza-se na zona rural da cidade e a outra localiza-se na zona industrial, pode-se observar reações diferentes da supracitada. Cabe destacar, que na escola do campo, foram ofertadas, além das brincadeiras, oficinas, quais eram condizentes com a teatralização da história “Bruxa, Bruxa, venha à minha festa” que foi oportunizada anteriormente. Sendo assim, além das crianças brincarem com o Lobo e os outros personagens, ainda puderam confeccionar “varinhas de bruxa”, com gravetos, glitter e fitas, além da produção da “meleca da bruxa”, que se resume a produção de massa de modelar artesanal. É preciso destacar que todas estas tiveram unânime aceite.

Ademais, na escola da zona industrial, o acolhimento e aceite das crianças também foi crucial para que as bolsistas realizassem a ação, nesta escola, também foi realizado a teatralização da história da Bruxa, entretanto, a fim de qualificar a contação, o grupo utilizou da percussão corporal para musicalizar a história, com o objetivo de que as crianças fossem mais interativas durante a história. Outrossim, além das doações de materiais que já estavam prontos, as bolsistas confeccionaram pés de lata para as crianças brincarem, além de levarem elástico para que pudessem pular.

Por fim, cabe ressaltar que o NEPE, sendo um núcleo que procura valorizar as infâncias, com objetivo de qualificá-las, vem desenvolvendo ações de extensão, onde as bolsistas vão até a escola e desenvolvem junto das crianças brincadeiras que visam aumentar o repertório das mesmas, dessa forma, relatamos que nas três escolas visitadas, foi possível observar múltiplas reações e interações.

A partir da experiência aqui discutida em que nos debruçamos a problematizar acerca do lugar da brincadeira na escola, encontramos eco nas palavras de Kohan (2019, p. 12) que nos convoca à reflexão que urge:

É preciso, então, devolver à escola o tempo infantil que lhe foi roubado. O tempo pelo próprio tempo, o tempo da brincadeira séria, aquele que encontra sentido no próprio brincar. O tempo do presente, inteiramente, no que se faz, na vida que se vive: como uma criança que brinca.

4. CONSIDERAÇÕES

A partir de todos os relatos que decorreram a partir desta escrita, foi possível observar que as crianças não brincam de formas tradicionais porque não existem ambientes que proporcionem essas brincadeiras. Muitas vezes ouvimos de diversas pessoas em vários contextos sociais que as crianças só querem mexer no celular, que estas estão envolvidas nas mídias sociais desde cedo e que não gostam mais de brincar. Entretanto, principalmente na última escola em que visitamos, foi possível observar que elas querem e gostam sim de brincar, o que acontece é que nós, adultos, muitas vezes não temos tempo para as brincadeiras. Afinal quais são os tempos de brincar na contemporaneidade? Como podemos exigir que crianças brinquem se sequer ensinamos elas a brincarem da forma em que exigimos? Sendo assim, ressaltamos a escola como um importante espaço de resgate de brinquedos e brincadeiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Lei nº 14.826 de 20 de março de 2024. Institui a parentalidade positiva e o direito ao brincar como estratégias intersetoriais de prevenção à violência contra crianças; e altera a Lei nº 14.344, de 24 de maio de 2022. Brasília, DF, 20 de Março de 2024

DRUCE, A. **Bruxa, Bruxa: Venha à minha festa**. 16. ed. São paulo: Brinque-book, 1996

GIROTTTO, D. **Brincadeira em todo canto: reflexões e propostas para uma Educação lúdica**. São Paulo: Peirópolis, 2013.

KOHAN, W. A devolver (o tempo d)a infância à escola. In: **Infância & Pós-estruturalismo**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, 2002, p. 20-28.